



Boletim Eletrônico CPPA

Associação Cultural Companhia Pernas Pro Ar

Ano II, 27ª Edição – Setembro 2011

Editorial

Acredita-se que os eixos iniciais da capoeira no Brasil foram Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. No entanto muito se estuda e fala da história da capoeira baiana, mas os outros eixos foram deixados um pouco de lado. Nesta edição, falaremos um pouco da capoeiragem carioca.

:: As Maltas Cariocas

Por Priscila Paiva

O Rio de Janeiro foi um dos primeiros lugares em que a capoeira se iniciou. A capoeiragem nesta região ficou conhecida pela sua violência, seus praticantes podiam ser vistos como “grupo de negros e homens pobres de todas as cores, portando facas e navalhas, atravessando as ruas em correrias; ou indivíduos isolados igualmente temidos, conhecedores de hábeis golpes de corpo” (Nestor Capoeira). No entanto, após 1850, a capoeira absorveu outros grupos e classes sociais, dentre eles, imigrantes, policiais, militares, intelectuais e até mesmo jovens da elite carioca.

Os grupos formados costumavam ser conhecidos como maltas (assim denominados pela polícia), que eram uma espécie de gangue. Também conhecidos como “partidos”, “casas”, “guaias”, “nações” ou “províncias”. Havia também os capoeiras que não se alinhavam com as maltas, eram considerados como “amadores”.

A capoeira não era usada apenas contra os policiais e o poder dominante, mas também como forma de acertar diferenças e marcar hierarquias dentro da própria massa escrava. As rivalidades territoriais pareciam ser um dos principais conflitos entre as maltas.

O jogo utilizado na época era bem diferente, não havia a formação de rodas como hoje, nem o uso do berimbau, entretanto, havia o canto e o tambor. Os capoeiras costumavam fazer aparições públicas em desfiles, em procissões religiosas e em festas carnavalescas, momentos em que aproveitavam para exibir suas habilidades.

Os capoeiristas daquela época também utilizavam ritos de passagem, mas bem diferentes dos atuais. Dentro das maltas, o processo de inicialização significava uma transição de “moleque de rua” a “caxinguelê” (menores aprendizes). “Eles deviam acompanhar a malta em suas expedições guerreiras [...]. Carregavam as armas dos adultos, agindo como auxiliares; participavam dos treinos em locais ermos, e depois nas praças, desafiando o aparato policial, sem outra finalidade que alcançar prestígio dentro do grupo” (Nestor Capoeira). Em sequência entravam na fase do combate e o rito final era marcado pela posse da navalha e o uso do chapéu. Para se chegar a ser um Chefe de Malta, era necessário o consenso de todo o grupo e a permanência no cargo exigia um prestígio continuado, não apenas dentro do grupo como na sociedade (que conhecia sua fama e o temia). Os chefes das maltas costumavam ser conhecidos por suas alcunhas e alguns ficaram famosos, como o temido Manduca da Praia.

Por volta de 1888 (ano da abolição da escravatura), os Nagoas e os Guaiamus eram as duas maiores maltas rivais e possuíam características opostas. O primeiro grupo era ligado aos monarquistas do Partido Conservador, usavam uma cinta de cor branca sobre o vermelho e um chapéu com uma das abas para a frente e para baixo, sua área abarcava a periferia da cidade. Já os guaiamus eram ligados aos republicanos do Partido Liberal, usavam uma cinta de cor vermelha sobre a branca e um chapéu com uma das abas para a frente e para cima, controlavam a parte central da cidade.

Após da Proclamação da República, em 1889, foi iniciada uma campanha de extermínio da capoeira, comandada por Sampaio Ferraz, conhecido pela alcunha de “Cavanhaque de Aço”. Nesse período começou o declínio da capoeiragem carioca do século XIX.

Referências:

- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: O pequeno manual do jogador**. Rio de Janeiro, Record, 1999.
- REIS, Leticia Vidor de Souza. **O Mundo de pernas pro ar - A capoeira no Brasil**. São Paulo, Publisher Brasil, 1997.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas, Ed. Unicamp, 2004.

Mestre Noronha

Mestre Noronha, batizado com o nome Daniel Coutinho Noronha, nasceu em Salvador, no ano de 1907, época em que reinava a discriminação em relação às manifestações afro-brasileiras e em que a capoeira era criminalizada. Seu primeiro contato com a capoeira se deu aos oito anos de idade, quando começou a aprender os segredos e as manhas dessa arte, com Cândido Pequeno, seu mestre. O aprendizado, que era livre e espontâneo, acontecia nas rodas da capoeira de rua, muito na base da observação.

Semi-analfabeto, filho de português com índia, Noronha teve alguma educação formal, o que lhe permitiu ter alguns poucos conhecimentos na leitura e na escrita, que já foram suficientes para que ele pudesse nos deixar os seus manuscritos, que contribuíram de maneira singular para o conhecimento da capoeira e dos capoeiristas do passado. Noronha valorizava a tradição oral e se valia de excelente memória, o que também contribuiu para o enriquecimento de seus registros.

Capoeirista comprometido, Noronha criticava de maneira ferrenha aqueles que se diziam mestres, mas que não conheciam os fundamentos e o valor da capoeira. Indignava-se com os "mestres" que eram formados em apenas um mês, em algumas academias da Bahia. Sua dedicação à capoeira era tal que, com outros mestres da época, como Maré, Aberrê e Amorzinho, fundou o *Primeiro Centro de Capoeira Angola do Estado da Bahia*, em Ladeira da Pedra, Gengibirra, bairro da Liberdade. Representava a capoeira, também, nas festas populares da Bahia, ocasiões em que as autoridades policiais abriam exceção e permitiam as rodas, o que não significava que brigas entre capoeiras e polícia não fossem acontecer.

Sempre trabalhador, durante sua vida Mestre Noronha exerceu as profissões de estivador, doqueiro, engraxate, dentre outras, com as quais conciliava a atividade do ensino da capoeira. Após se aposentar, Noronha continuou ensinando capoeira, atividade que só foi interrompida em 1977, quando, aos setenta anos de idade, faleceu.

Seus manuscritos foram organizados por Frede Abreu e publicados pelo Programa Nacional de Capoeira, com o título "O ABC da Capoeira Angola".

Referências:

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Mestres e Capoeiras Famosos da Bahia**. Salvador, BA, EDUFBA: 2009.
- COUTINHO, Daniel. **O ABC da Capoeira Angola: os manuscritos do Mestre Noronha**. Brasília, DF, 1993.
- DIAS, Adriana Albert. **A malandragem da mandinga: o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha (1910-1925)**. 2004. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Recomendado

Mestre João Grande na roda do mundo

Maurício Barros de Castro Ed. Garamond, 2010.

O livro retrata a vida e trajetória de capoeira do Mestre João Grande.

Dividido em duas partes, a primeira se refere à sua mudança para Nova Iorque e o desenvolvimento do seu trabalho nesta cidade através da sua escola Capoeira Angola Center. A segunda parte fala sobre seu início na capoeiragem e vivência da capoeira em Salvador. Uma boa forma de conhecer um pouco da história desse grande Mestre.

Agenda

Outubro

06 a 08 - XI Batizado e Troca de Cordas CPPA - SL, PL e BH

23- Roda CPPA na Feira Hippie - 10:00

Novembro

12 - XI Batizado e Troca de Cordas CPPA - PL

27- Roda CPPA na Feira Hippie - 10:00

CRÉDITOS

Editorial e Diagramação: Priscila Paiva / Publicitária / Graduada
Colaboradora: Maria Júlia Albernaz / Graduada Exótica
Supervisão: Danny Lopes / Mestre Boca de Peixe
Realização: Associação Cultural Companhia Pernas Pro Ar

INFORMAÇÕES

comunicaocppa@cppa.com.br
www.cppa.com.br / www.capoeira.de
www.twitter/Boletim_CPPA

Mestre Boca de Peixe (Brasil)
Mestre Porquinho (Europa)



Caso você não queira mais receber este boletim, envie um e-mail para comunicaocppa@cppa.com.br com a palavra **REMOVER** no assunto.